

**ESTEREOTIPOS Y PARADIGMAS DISCURSIVOS EN
LAS REPRESENTACIONES DE LO INDÍGENA POR EL
INDIGENISMO SOCIALISTA DE AMAUTA**

**STEREOTYPES AND DISCURSIVE PARADIGMS IN
THE REPRESENTATIONS OF THE INDIGENOUS BY
AMAUTA'S SOCIALIST INDIGENISM**

**ESTEREÓTIPOS E PARADIGMAS DISCURSIVOS NAS
REPRESENTAÇÕES DO INDÍGENA PELO INDIGENISMO
SOCIALISTA DE AMAUTA**

Bruno Batista Bolfarini*

Universidade Federal do Espírito Santo
brunobolfa@gmail.com
ORCID: 0000-0003-0642-1765

Recibido: 03/02/2023

Aprobado: 06/03/2023

* Bruno Batista Bolfarini realiza pesquisa de doutorado pelo Programa de Pós-graduação em História na Universidade Federal do Espírito Santo (Brasil). Membro do Laboratório de Estudos de História Política e Intelectual nas Américas da Universidade Federal do Espírito Santo. Mestrado em História com a dissertação intitulada *Nacionalismo e Indigenismo em José Carlos Mariátegui: Uma ponte entre a tradição e a modernidade*.

Resumen

Amauta fue una de las más importantes revistas en el segmento intelectual peruano durante el período en que circuló de 1926 a 1930, colocando a lo indígena como uno de los temas centrales. Desde los planteamientos del Análisis de Contenido, pretendemos mapear el discurso indigenista en *Amauta* en sus primeros nueve números, período que corresponde a la fase de gravitación del indigenismo en torno al socialismo en sus páginas. Mostraremos que en las representaciones de lo indígena en los textos indigenistas de *Amauta* había una estereotipación que apuntaba a una expectativa de “guerra racial”, resultado de paradigmas discursivos presentes en el indigenismo peruano. Concluiremos, a través de los conceptos de Reinhart Koselleck, que las representaciones de lo indígena en *Amauta* apuntaban a una perspectiva política que conformó un discurso que en este indígena reivindica lo autóctono, para que convenga con la unión del ideal de “Utopía Andina” a la expectativa socialista.

Palabras claves: *Amauta*, indigenismo, socialismo, estereotipos, paradigmas discursivos.

Abstract

Amauta was one of the most important magazines in the Peruvian intellectual segment during the period in which it circulated from 1926 to 1930, placing the indigenous as one of the central themes. From the fundamentals of Content Analysis, we intend to map the indigenist discourse in *Amauta* in its first nine issues a period that corresponds to the gravitational phase of indigenism around socialism in its pages. We will show that in the representations of the indigenous in *Amauta's* indigenist texts there was a stereotype that pointed to an expectation of “racial war”, resulting from discursive paradigms present in Peruvian indigenism. We will conclude, through the concepts of Reinhart Koselleck, that the representations of the indigenous in *Amauta*, pointed to a political perspective that shaped a discourse that in this indigenous claim for the autochthonous, so that it would be convenient with the junction of the ideal of “Andean Utopia” to the socialist expectation.

Keywords: *Amauta*, indigenism, socialism, stereotypes, discursive paradigms.

Resumo

Amauta foi uma das mais importantes revistas no segmento intelectual peruano durante o período em que circulou de 1926 até 1930, colocando o indígena como um dos temas centrais. A partir dos fundamentos da Análise de Conteúdo pretendemos mapear o discurso indigenista em

Amauta em seus nove primeiros números, período que corresponde à fase de gravitação do indigenismo em torno do socialismo em suas páginas. Mostraremos que nas representações do indígena nos textos indigenistas de *Amauta* houve uma estereotipização que apontou para uma expectativa de “guerra racial”, decorrentes de paradigmas discursivos presentes no indigenismo peruano. Concluiremos, através dos conceitos de Reinhart Koselleck, que as representações do indígena em *Amauta*, apontaram para uma perspectiva política que moldou um discurso que nessa reivindicação indigenista pelo autóctone, para que conviesse com a junção do ideal de “Utopia Andina” à expectativa socialista.

Palavras-chave: *Amauta*, indigenismo, socialismo, estereótipos, paradigmas discursivos.

Apresentação

*Amauta*¹ foi uma das mais importantes revistas no panorama intelectual latino-americano durante a década de 1920. Destinada a ser uma revista geracional, ela representou o espírito de uma geração artístico e intelectual que reivindicou um Peru autóctone como expressão de uma modernidade diante do oligarquismo e do academicismo intelectual hispanista do período rotulado de República Aristocrática².

Sob a direção de José Carlos Mariátegui, a revista *Amauta* contribuiu para o surgimento de um movimento estético-político que protagonizou o campo intelectual e político peruano a partir de meados dos anos 1920 ao canalizar, em suas páginas, os diferentes fluxos ideológicos e culturais que despontavam no Peru, tais como o vanguardismo, o indigenismo e o socialismo.

Desse modo, a *Amauta* operacionalizou a associação entre a experiência estética vanguardista cosmopolita e a local indigenista com a militância esquerdista em torno do chamado indigenismo revolucionário (Beigel 2015), isto é, do indigenismo socialista.

Além disso, o título da revista traduzia, conforme o seu editorial de lançamento, a adesão desta geração de intelectuais e artistas vanguardistas ao indigenismo:

Mi esfuerzo se ha articulado con el de otros intelectuales y artistas que piensan y sienten parecidamente a mí. Hace doce años, esta revista habría sido una voz un tanto personal. Ahora es la voz de un movimiento y de una generación [...].

El título preocupará probablemente a algunos. Esto se deberá a la importancia excesiva, fundamental, que tiene entre nosotros el rótulo. No se mire en este caso a la acepción estricta de la palabra. El título no traduce sino nuestra adhesión a la Raza, no refleja sino nuestro homenaje al Incaísmo. Pero específicamente la palabra “Amauta” adquiere con esta revista una nueva acepción. La vamos a crear otra vez. (Mariátegui 1926, p. 3)

Para o fundador de *Amauta*, o título não expressava uma mera homenagem ao Incaísmo, mas significava uma proposta de recriar a tradição incaica através de sua junção com a modernidade ocidental.

Nesse sentido, uma revista rotulada com uma palavra que significa em quéchua “guia, sábio” evidenciou uma proposta de ser uma espécie de bússola desta geração, orientando para uma plataforma estética e política unindo o indigenismo ao socialismo.

Pretendemos neste ensaio mapear essa junção do indigenismo ao socialismo nos primeiros nove números da revista *Amauta*, período em que houve um processo de gravitação de várias vertentes do indigenismo peruano³ em torno do indigenismo socialista, consolidado a partir da criação do Grupo Resurgimiento⁴.

Nosso intuito é mostrar como o indígena foi representado⁵ por esse discurso indigenista socialista e revelar que nas formulações e opiniões publicados em *Amauta* podemos perceber a reprodução de estereótipos e preconceitos característicos do racialismo⁶, reproduzido dentro do campo intelectual peruano desde quando o indigenismo torna-se protagonista neste campo.

Portanto, por detrás de um discurso que buscou a redenção e o ressurgimento do indígena a partir do socialismo, notamos a presença de elementos que se configuraram como paradigmas discursivos dentro do indigenismo peruano, os quais marcaram o indigenismo socialista de *Amauta*.

Metodologia e análise dos resultados

Para este ensaio, analisamos os textos de temática indigenista⁷ publicados nos nove primeiros números de *Amauta*⁸ a partir do pressuposto do tema como unidade de registo, isto é, como uma regra de recorte dentro de uma unidade de sentido (frase, período e parágrafo) no corpo do texto, com o intuito de descobrir núcleos de sentido cuja frequência podem trazer significados para o objetivo analítico (Bardin 2002), que é o de compreender o discurso indigenista na revista.

Elaboramos as categorias semântico-conceituais a partir dos seguintes pares categóricos sintáticos opostos: *Valorização–Desvalorização* e *Protagonismo–Passividade*, e as categorias *Indigenismo* e *Expectativa*, conforme o objetivo analítico proposto. A seguir quantificamos a presença de adjetivos e substantivos (abordagens) relacionadas à cada categoria semântico-conceitual e obtivemos os seguintes resultados: *Indigenismo* (287), *Passividade* (170), *Desvalorização* (163), *Valorização* (88), *Protagonismo* (64) e *Expectativa* (64).

No primeiro par categórico sintático analisado, *Protagonismo–Passividade*, percebemos, pelo quantitativo obtido, uma grande tendência nos textos de temática indigenista na representação do indígena de forma passiva.

Ao quantificarmos e analisarmos as abordagens dentro dessa unidade de registo, obtivemos os seguintes dados: *Vítima* (104), *Injustiçado* (23), *Explorado* (14), *Oprimido* (5), *Pobre* (5), *Passivo* (2), *Resignado* (2) e *Tímido* (1). A partir desses dados, podemos perceber um aspecto expressivo no discurso indigenista na revista *Amauta*, que foi o da vitimização do indígena. A

vitimização foi um aspecto retórico característico do indigenismo tutelar, que usou esse recurso retórico para realçar as denúncias de exploração e violência a que estavam submetidos os indígenas. Por isso, Dora Mayer de Zulen, uma das principais representantes deste indigenismo tutelar, teve uma importante presença em *Amauta* não apenas em ensaios, mas principalmente por ser uma das responsáveis pela coluna *El proceso del gamonalismo: Boletín de Defensa Indígena*⁹.

No entanto, a maior parte das ocorrências de abordagens que remeteram à vitimização dos indígenas foram encontradas nas cartas publicadas de autoria de associações indígenas¹⁰ publicadas no *Boletín de Defensa Indígena*. Cabe destacar que nestas cartas podemos percebemos uma retórica jurídica, de não afronta às instituições, como no exemplo abaixo:

[após] presentarle todos mis documentos acreditándonos autorizados por el Supremo Gobierno y entro ellos la tarjeta de la Dirección de Gobierno, de Ministerio de Fomento, la del Comité Central y del Presidente del Patronato. Todos estos documentos que los leyó el alférez se los echó al bolsillo [...] y en el mismo tono airado nos impuso silencio y nos dijo que teníamos media hora para alistarnos y para salir con él a Chalhuanca. [...] Allí nos encerraron en un calabozo sin darnos un solo bocado de comida, pues, nos tuvieron incomunicados hasta el siguiente día 25 en que nos hicieron un registro minucioso nos quitaron cuanto teníamos en los bolsillos, aún objetos sin importancia como carteras, libros de apuntes, libretas de inscripción militar y vial, [...] cuatro retratos grandes entre ellos uno de gran tamaño del Presidente Leguía. (Zapata 1927, p. 39)

Nesta carta, o indígena Juan Zapata busca mostrar a legitimidade da ação e de enumeração dos órgãos que cancelaram a atuação dos dirigentes indígenas naquela região. A violência sofrida é descrita de forma clara e sem adjetivações, focando no aspecto material e na ilegalidade da prisão pela condição de serem indígenas.

Nesse sentido, a denúncia na carta de Juan Zapata serve como forma de alertar às instituições governamentais das ilegalidades que são cometidas por funcionários públicos corrompidos pelo *gamonalismo*¹¹, enquanto as denúncias escritas pelos indigenista percebe-se uma diferença clara no aspecto retórico, pois o objetivo é causar comoção por parte dos leitores, como podemos ver no trecho abaixo de um manifesto do Grupo Resurgimiento:

[...] mientras los indios sean acosados como fieras, mientras la violencia que con ellos se ejercita siga produciendo la desesperación en las multitudes sumisas de las viejas comunidades incaicas, se cierne sobre el Perú un peligro de muerte, mucho mayor que los conflictos internacionales.

Las atrocidades sin nombre que se cometen con la indiada conducirán a un fatal estallido, a una cruenta, formidable guerra de razas.

[...] Es en Tojoroyoc cuando la criminalidad lombrosiana de los gamonales minúsculos estalla en todas sus manifestaciones de enseñamiento y crueldad inverosímiles.

Y después en Lamay, a ojos del Cusco, se repite otra vez el sistema de Quiñota y Haquira: la destrucción y la despoblación íntegras de una aldea antes floreciente. (Grupo Resurgimiento 1927, p. 37)

No trecho acima, podemos perceber uma adjetivação que, além de ressaltar o indígena como vítima de inúmeras atrocidades, nos faz intuir que os autores pretendiam conclamar os leitores a se preocuparem com a situação do indígena no interior peruano, tanto pela comoção, mas também pela ameaça de uma “guerra racial”¹².

Hombres de todos los credos, de todas las clases, de todas las razas: el Grupo “Resurgimiento” os hace un llamado imperativo. ¿Consentiréis por más tiempo, con vuestra indiferencia, con vuestro silencio, esta situación del indio que aquí denunciarnos? ¿Os haréis cómplices de los opresores

que expoliam y torturan a esta admirable raza tan sufrida y disciplinada que como una bestia mansa aguanta siglo tras siglo tanto dolor y tanta ignominia?

[...]

Alerta, otra vez, alerta. No agotéis la paciencia secular del indio. Cesad opresores, en este juego peligroso.

Hombres honrados: prevenid: después, será tarde? (Grupo Resurgimiento 1927, p. 38)

A denúncia exposta pelos indigenistas do Grupo Resurgimiento adquire um tom de ameaça, apontando que o indígena, cansado da violência secular a que está submetido, sairá de seu estado de passividade e se levantará contra os “brancos”. Essa tendência em representar o indígena como vingativo pode ser percebida pelo quantitativo de abordagens obtido dentro da categoria semântica *Protagonismo*, sendo a abordagem com maior frequência (21 ocorrências). Por sua vez, a abordagem *Sublevação* foi a que obteve o segundo maior quantitativo de ocorrências (12). Esses dados nos levam a intuir que houve, em *Amauta*, uma tendência nos textos de temática indigenista em representar as sublevações indígenas como uma espécie de vingança contra os “brancos”.

Desse modo, acerca do par antagonico *Passividade-Protagonismo*, percebemos a presença de uma ideia de que o indígena, vítima secular de todo tipo de violências e injustiças, não teria outra alternativa a não ser se levantar contra aquele que o contra aquele que o subjuga e o oprime. Então, o discurso indigenista em *Amauta* adquiriu um tom não apenas de solidariedade pela causa indígena, mas também de advertência em relação à possibilidade da “guerra racial”. Contudo, quando analisamos os textos de autoria indígena publicados em *Amauta*, o tema da vingança não foi observado, pelo contrário, houve uma ênfase no respeito às instituições governamentais. Portanto, abordagens que remetem a um horizonte de expectativa da “guerra racial” se fez presente nas análises racionais desses intelect-

tuais indigenistas, que se imbuíram na missão de defender o indígena, alertando para o risco que a situação em que o indígena se encontrava poderia acarretar para todos os setores da sociedade peruana.

Em relação ao par antagônico *Valorização–Desvalorização*, chamou-nos a atenção o fato de que, em uma revista, que trouxe o indigenismo como expressão estética e política, termos encontrado um número bem maior de ocorrências que remetem uma visão depreciativa em relação ao indígena (163 em total) do que aquelas que remetem a uma valorização (88 em total).

Na unidade de registo *Desvalorização*, as abordagens com maior quantitativo foram: *Preconceito* (34), *Pejorativo* (33), *Depreciativo* (8), *Dissimulado* (8), *Vingativo* (7), *Adormecido* (6), *Cocômano* (4). Apesar desta grande quantidade, verificamos que a maior parte das ocorrências estão concentradas no número quatro, que trouxe o polêmico artigo “Sobre la psicología del indio”, escrito pelo intelectual Enrique López Albújar.

O autor, baseando-se em sua experiência de cinco anos como juiz na província de Huánuco, pretendeu fazer um retrato da personalidade indígena, enfatizando o caráter dual dela do seguinte jeito:

4° Como es hermético con el *misti*, le oculta a todo trance sus hechicerías y supersticiones y preferiría dejarse matar a descubrirle las sombrías ritualidades de sus creencias religiosas.

[...]

7° Estima a su yunta más que a su mujer y a sus carneros más que a sus hijos.

[...]

12— Siempre que tiene ocasión roba y si no la tiene la crea o la aguarda. Para eso tiene dos armas poderosas e irresistibles: la paciencia y el disimulo.

[...]

34—Es un gran actor. Frente al hombre de otras razas simula, solemne e insuperable, la comedia de la humildad y la tragedia de la servidumbre.

[...]

40—Su mejor libro de sabiduría es la coca. La coca es su biblia, es guía de su alma y salud de su cuerpo.

[...]

60—Si la mujer le sale buena siente la satisfacción de haber hecho un bueno negocio; si mala, rumia a solas la vergüenza de su desacierto y se limita a pedirle a la brutalidad de sus puños lo que la sabiduría de la coca no quiso [sic] darle. (López Albújar 1926, pp. 1-2)

Percebemos que o texto não apenas aponta os defeitos na personalidade indígena quando está em contato com o “branco”, mas também retrata o indígena sem apego à sua família, somente aos seus animais, e que, sob o vício da coca, descarrega sua brutalidade na sua esposa. Desse modo, a visão pejorativa não se relaciona apenas a uma perspectiva de que o contato com o branco degenerou o indígena, mas também a um preconceito em relação aos seus aspectos culturais e religiosos. Essa visão preconceituosa em relação ao indígena pode ser encontrada em textos de outros indigenistas que expressaram vertentes do indigenismo peruano que tiveram uma grande expressividade em *Amauta*.

Um dos principais representantes do indigenismo andinista, Luis E. Valcárcel, por exemplo, representou o indígena em uma espécie de minoridade, imerso na covardia e esperando a palavra revolucionária para o libertar: “Su alma infantil, de primate anacrónico, no se emancipaba del miedo ancestral. [...] Escuchando, en silencio, concentrada toda el alma en percibir distintamente el mensaje misterioso, intuyó el desconocido lenguaje. Sí, era la invitación a la libertad en las sombras” (Valcárcel 1926, p. 6).

Assim também o fez Dora Mayer de Zulen, que ao defender os indígenas de La Oroya pelo assassinato de um funcionário de uma companhia mineradora, mostrou uma visão estereotipada e depreciativa dos sujeitos indígenas:

[...] Sin embargo, los que saben algo de la psicología actual de la población indígena no ignoran que en los retirados recintos de nuestra serranía subsisten viejas costumbres paganas que el cristianismo no ha podido borrar, y que en medio de un barbarismo social que no encuentra oportunidades para evolucionar hacia condiciones superiores, se evoluciona en sentido inverso hacia paroxismos de pasiones salvajes. En tales regiones se usa comer el corazón de un enemigo y beber la sangre de un vencido odiado, según ritos que han tenido y tienen su consagración respetable en los conceptos de las tribus primitivas.

La aparición de tales síntomas de salvajismo, o no pertenece al dominio de los delitos, no siendo más que un rezago de una moral anterior a la nuestra, o acusa delito en la sociedad civilizada que ha descuidado la cultura de la población incivilizada, permitiendo que en regiones arrimadas ya a la administración de un estado moderno se destaque un lunar de negro anacronismo. (Mayer de Zulen 1926, p. 35)

Tratado como um menor, um incapaz de compreender os preceitos da sociedade moderna, o indígena foi retratado por Dora Mayer nesse ensaio como exemplo de barbarismo anacrônico. Para a autora, a barbárie do crime cometido pelos indígenas era resultado da presença de uma moral primitiva e, por isso, ela responsabiliza o Estado peruano, que descuidou dessa população e não levou a cultura e a civilização a ela. Desse modo, verificamos que nos ensaios de temática indigenista publicados em *Amauta* houve, em conjunto à uma vitimização excessiva do indígena, a presença de um grupo de discursos que o representavam em uma espécie de situação de minoridade e inferioridade civilizatória à espera do momento redentor.

Mas também não podemos deixar de apontar, conforme nossa análise de conteúdo, que houve uma presença maior de discussões em torno das vertentes indigenistas, assim como de projetos que visavam redimir o indígena de sua condição de vítima e explorado e integrá-lo e assimilá-lo à modernidade, os quais corresponderam a cerca de 27 % das ocorrências dentro das unidades de registo com temática indigenista nos textos analisados.

Assim, dentro da categoria semântico-conceitual *Indigenismo* as principais abordagens, quanto ao número de ocorrências, foram: *Organização* (48), *Vertentes* (45), *Solidariedade* (27), *Tutela* (17), *Socialismo* (10) e *Nacionalismo* (10). Esses dados revelam uma tendência de organização desta frente intelectual a partir de várias vertentes solidárias ao problema do indígena, apontando para perspectivas que passavam por óticas tutelares, nacionalistas e até socialistas para a resolução do problema do indígena. A abordagem *Organização*, embora tenha o maior quantitativo, passa a ter um aumento significativo somente a partir do quinto número, coincidindo com a criação da coluna *Boletín de Defensa Indígena* e do Grupo Resurgimiento.

Em relação à abordagem *Vertentes*, percebemos uma concentração maior das ocorrências nos primeiros cinco volumes, mostrando que houve um debate maior em torno das perspectivas indigenistas nesse momento anterior à criação do Grupo Resurgimiento. Essas ocorrências apontaram para críticas em relação ao indigenismo tutelar e paternalista, referentes às ações do governo de Leguía e da *Pró-Indígena*. Por isso, os resultados obtidos da abordagem *Vertentes* revelam tanto um caráter de sedimentação de uma determinada postura indigenista contrária à postura paternalista, quanto um aspecto geracional com o intuito de tornar uma vertente indigenista como representativa da vanguarda intelectual peruana.

Então, o aumento na frequência da abordagem *Organização* a partir do número 5 e a conseqüente queda na abordagem *Vertentes*, após uma concentração maior nos cinco primeiros

números, nos revela o trabalho realizado, através de *Amauta*, na articulação de uma frente intelectual concentrada na concepção do indigenismo apregoada por José Carlos Mariátegui, isto é, do indigenismo socialista a partir da criação do Grupo Resurgimiento, que teve no *Boletín de Defensa Indígena* uma espécie de tribuna dentro de *Amauta*.

Esse grupo, fundado Luis Valcárcel e José Carlos Mariátegui, buscou unir indigenistas andinos e indigenistas limenhos e colocar uma nova forma de compreender e solucionar o problema indígena, juntando a causa indígena com a causa esquerdista, conforme podemos ver abaixo nas palavras do fundador de *Amauta*:

El Grupo Resurgimiento no aparece intempestivamente. Su constitución tiene su origen inmediato en la protesta provocada en el Cusco por recientes denuncias de desmanes y crueldades del gamonalismo. Pero ésta es únicamente la causa episódica, accidental. El proceso de gestación del Grupo viene de más lejos. Se confunde con el movimiento espiritual e ideológico suscitado por los que, partiendo de afines principios o comunes sentimientos, piensan, como ya una vez he dicho, que “el progreso del Perú será ficticio, o por lo menos no será peruano, mientras no constituya la obra y no represente el bienestar de la masa peruana, que en sus cuatro quintas partes es indígena y campesina”.

[...]

Hace tres semanas —justamente cuando se constituía este Grupo— escribía yo en “Mundial” que, terminado y liquidado el experimento de la Asociación Pro-Indígena, cuyo balance ha hecho con tanta lealtad su generosa animadora Dora Mayer de Zulen, las reivindicaciones de la raza habían entrado en una nueva fase y habían adquirido más amplio alcance, de modo que el antiguo método “pro-indígena”, de fondo humanitario y filantrópico no era ya, absolutamente, válido.

Conforme a esta convicção, me parece evidente que el Grupo Resurgimiento, que llega a su debido tiempo, inicia una nueva experiencia, propia de la nueva situación histórica. (Mariátegui 1927a, p. 37)

Com esse manifesto, Mariátegui propõe que o indigenismo não se restrinja apenas às denúncias das violências e da situação de miséria em que viviam os indígenas, mas que se tornasse uma frente intelectual com uma confluência ideológica de princípios, incorporando a tradição indígena a partir da expectativa socialista e enxergando que o futuro do Peru não se realizaria sem o bem-estar da massa indígena-camponesa.

Embora nesta fase de *Amauta* não termos encontrado do ponto de vista quantitativo uma evidente relação entre o indigenismo e o socialismo, visto que na categoria semântico-conceitual *Indigenismo* tivemos apenas 10 ocorrências da abordagem conceitual *Socialismo* e na categoria *Valorização*, apenas 9, de um total de 88 ocorrências desta unidade de registo, que remetem a essa relação¹³, ao analisarmos a categorias *Expectativa* percebemos uma grande quantidade de ocorrências que remetem à ideia de Revolução.

Na categoria semântico-conceitual *Expectativa*, temos as seguintes ocorrências: *Revolução* (33), *Redenção* (17), *Novidade* (9), *Despertar* (1), *Coexistência entre brancos e indígenas* (1), *Futuro* (1), *Ressurgimento* (1) e *Restauração* (1). Conforme estes dados, as ocorrências que apontaram para uma perspectiva revolucionária e de modernidade a partir do indígena corresponderam a 43¹⁴. Já as ocorrências que remetem às perspectivas do indigenismo filantrópico, somaram um total de 18¹⁵. Por fim, as ocorrências que remetem a uma perspectiva de restauração do incásico¹⁶ foram apenas 3.

Ao associarmos esses dados aos quantitativos da categoria *Protagonismo*, em que houve um predomínio das abordagens *Vingança* e *Sublevação*, podemos intuir que houve uma convergência entre o ideal revolucionário socialista e o utopismo

andino¹⁷, pela associação da expectativa revolucionária com a da “guerra racial” tal como colocado por Luis E. Valcárcel: “[...] los nuevos indios readquirirán rotundamente su calidad de seres humanos; proclamarán sus derechos; anudarán el hilo roto de su historia para restablecer las instituciones cardinales del Inkario [...]. La dictadura del proletario indígena busca su Lenin” (Valcárcel 1927, p. 3).

Valcárcel compara a expectativa revolucionária indígena com o processo revolucionário socialista, expressando essa confluência do indigenismo com o socialismo ao pontuar que a revolução aguardada é a que trará a ditadura do proletariado indígena. Essa confluência norteou o discurso indigenista em *Amauta* a partir do número 5, colocando as reivindicações indígenas sob o crisol de um problema socioeconômico agrário e aproximando as noções de proletário e de camponês nas representações do indígena, tal como José Carlos Mariátegui deixou explícito na réplica ao intelectual Luis Alberto Sánchez, que criticara essa junção de indigenismo com o socialismo, publicada no *Boletín de Defensa Indígena* no número 7 de *Amauta*:

La reivindicación que sostenemos es la del trabajo. Es la de las clases trabajadoras, sin distinción de costa ni de sierra, de indio ni de cholo. Si en el debate —esto es en la teoría— diferenciamos el problema del indio, es porque en la práctica, en el hecho, también [sic] se diferencia. El obrero urbano es un proletario: el indio campesino es todavía un siervo. Las reivindicaciones del primero —por las cuales en Europa no se ha acabado de combatir— representan la lucha contra la burguesía; las del segundo representan aún la lucha contra la feudalidad. El primer problema que hay que resolver aquí es, por consiguiente, el de la liquidación de la feudalidad, cuyas expresiones solidarias son dos: latifundio y servidumbre. Si no reconociésemos la prioridad de este problema, habría derecho, entonces sí, para acusarnos de prescindir de la realidad peruana. (Mariátegui 1927b, pp. 38-39)

Mariátegui sustenta que a luta do indígena é a mesma do trabalhador urbano, isto é, a luta pela abolição do regime econômico que explora o operário urbano e mantém o campesinato indígena em um regime de servidão. Nesse sentido, o socialismo foi colocado como o princípio ordenador da luta que libertaria o indígena do regime ao qual estava submetido. Portanto, a perspectiva indigenista de tratar o problema indígena como um problema social e econômico e não civilizatório, transcendendo o utópico andino para o utópico socialista se tornou representativo do discurso indigenista socialista consolidado em *Amauta* a partir da criação do Grupo Resurgimiento, convergindo diversas vertentes do indigenismo peruano em torno desta perspectiva.

Conclusões

Em primeiro lugar, percebemos um movimento de confluência de várias vertentes do indigenismo peruano em torno daquela vertente que se consolidaria a partir da criação do Grupo Resurgimiento que foi o indigenismo socialista.

Em segundo lugar, verificamos que nesse processo de gravação em torno do indigenismo socialista, os textos publicados em *Amauta* revelaram uma estereotipização do indígena e reprodução de preconceitos em relação à essa população, encontrados nos diagnósticos intelectuais elaborados no contexto pós Guerra do Pacífico, apontando para uma inconciliabilidade entre a sociedade *criolla* e a sociedade indígena, representando o indígena em um nível civilizatório inferior ao branco.

Essa inconciliabilidade, expressada na visão do indígena vingativo, na iminência de se sublevar trazendo uma violência generalizada a qual subverteria a ordem vigente, remonta a dois aspectos presentes na experiência histórica peruana que foi incorporado no discurso destes intelectuais indigenistas de *Amauta*: a dicotomia étnico-geográfica peruana e o ideal de Utopia Andina. Ambos podem ser vistos como verdadeiros para-

digmas discursivos do indigenismo peruano, pois entendemos que estes não se consolidaram como elaborações individuais acerca de uma determinada realidade ou do passado, mas são elementos que se constituíram como uma espécie de tradição discursiva sedimentada em estratos temporais que compõe o próprio modo de compreensão da realidade e do passado como diagnóstico, assim também na elaboração de prognósticos para a sociedade peruana.

Entendemos que esses paradigmas discursivos estão contidos em todas as ações singulares e em todas as constelações únicas, executadas ou suportadas por seres humanos igualmente singulares e únicos, condicionando e limitando as possibilidades de ação humana e, por que não, as gerando (Koselleck 2014). Desse modo, em *Amauta*, a dicotomia étnico-geográfico se fez presente na visão de não conciliação entre a *costa criolla* e a *serra andina* desde a conquista espanhola, trazendo consigo a expectativa da “guerra racial” e um binarismo racial estereotipado (Montoya Uriarte 1998) de um exclusivismo indígena na visão de que o indígena seria contaminado pelo “branco”. Por sua vez, o utópico andino se apresentou nos textos indigenistas de *Amauta* na idealização do passado incaico como uma espécie de um comunismo primitivo e no ideal redentor escatológico de que o incásico retomarà o seu lugar na história e extirpando a colonialidade¹⁸ da sociedade peruana.

Nesse sentido, para além de uma reprodução de paradigmas discursivos presentes no indigenismo peruano, os preconceitos e estereótipos em relação ao indígena e seus costumes presentes no indigenismo socialista de *Amauta* foram resultados não apenas dos prognósticos e diagnósticos resultantes da experiência daqueles que os elaboram (Koselleck 2006), mas principalmente pelo aspecto de exterioridade do discurso indigenista, pois ao buscarem a redenção do indígena, os indigenistas o fizeram sem estar em suas comunidades, mas sim nas cidades (Beigel 2015).

Portanto, esses estereótipos e preconceitos reproduzidos em *Amauta* projetaram, através do olhar daqueles que estavam fora das comunidades indígenas, no indigenismo socialista da revista, uma visão de que o indígena precisaria ser redimido de sua condição de explorado, imerso em uma barbárie anacrônica, em vez de que ele se sublevasse e se vingasse dos *mistis*, para um ideal de que o indígena poderia ser integrado como um sujeito revolucionário pelo fato de ser uma espécie de “proletariado peruano” sendo redimido, juntamente com a sua tradição, pelo socialismo.

Notas

- 1 A revista *Amauta* circulou de 1926 a 1930 tendo um total de 32 números.
- 2 Denominação criada pelo historiador Jorge Basadre para o período de 1895-1919, que foi marcado pela volta ao poder do civilismo após o segundo militarismo. Por essa expressão, Basadre descreveu uma sociedade governada por uma oligarquia agrupada em torno de poucas famílias (cerca de 40), ligadas ao civilismo. Foi um período marcado por uma política que combinou um consenso entre as elites, mas também a exclusão e a violência em relação aos setores populares. Esse regime de caráter elitista foi defendido por uma elite intelectual formada nos corredores da Universidade de San Marcos na virada do século XIX para o XX que propôs o “cesarismo ilustrado” como ideal de governo e uma modernização em moldes europeus (Contreras y Cueto 2007).
- 3 O indigenismo, como expressão política e cultural, protagonizou o campo intelectual peruano após a derrota peruana na Guerra do Pacífico (1879-1884). Nesse contexto, vários intelectuais buscaram não só elaborar projetos de assimilação e integração do indígena, mas também denunciar a situação de exploração a que estava submetida essas populações e de isolamento em que viviam do restante da sociedade nacional. Esses discursos expressaram várias abordagens, desde aquelas que viam a necessidade de integrar o índio à sociedade ocidental, tomando uma postura paternalista e tutelar em relação a ele, até as mais radicais que enfatizaram a divisão étnica e propuseram a restauração do passado incaico como forma de subversão da ordem oligárquica no Peru.
- 4 O Grupo Resurgimiento, idealizado por Luís E. Valcárcel e José Carlos Mariátegui, teve o intuito de ser uma associação de intelectuais, artistas, operários, camponeses e indígenas de diversas regiões peruanas. O grupo durou até meados de 1927, quando o aumento da repressão policial do governo de Leguía levou ao fechamento de *Amauta*, principal tribuna do grupo.

- 5 Utilizamos o conceito de representação tal como proposto por Roger Chartier (2010), pois ela permite vincular as posições e as relações sociais com a maneira como determinados grupos sociais percebem os demais. As representações, nesse sentido, transmitem diferentes modalidades de exibição da identidade social tal como as fazem ver e crer os signos, condutas, etc. Portanto, entendemos que as representações elaboradas por esses intelectuais indigenistas foram uma espécie de armas simbólicas na disputa ideológica acerca dos prognósticos elaborados em torno da sociedade em que viviam.
- 6 Utilizamos o conceito de racialismo para se referir às interpretações elaboradas a partir de um conjunto de teorias científicas do final do século XIX que, sob a influência do cientificismo positivista e do darwinismo, defenderam uma hierarquia de raças nas sociedades humanas.
- 7 Não foram analisados textos literários (contos e poemas) e representações de gravuras e telas com temática indigenista.
- 8 Adotamos esse recorte pois os nove primeiros números de *Amauta* representam um primeiro momento de exposição e debate de tendências e vertentes do indigenismo e após de gravitação delas em torno do indigenismo socialista a partir da criação do Grupo Resurgimiento, cuja existência se encerra com o fechamento da revista *Amauta* pelo governo peruano em julho de 1927.
- 9 Coluna publicada em *Amauta* a partir do número 5. Segundo os editores da revista, o objetivo do Boletín de Defensa Indígena era o de “únicamente la acusación documentada de los desmanes contra los indios, con el doble propósito de iluminar la conciencia pública sobre la tragedia indígena y de aportar una nueva serie de testimonios al juicio.” (*Amauta* 5 1927, p. 37). O Boletim foi publicado do número 5 ao número 25 de *Amauta* com um total de oito números.
- 10 Essas publicações foram: “Delegados indígenas atropellados”, por Juan Zapata, publicada no volume 6; “Persecuciones y exacciones en Andahuaylas”, de autoria da comunidade indígena de Huancabamaba, publicada no volume 7; Centro “Unión de las provincias de Apurímac – proyecto de reglamento”, de autoria da União indígena das provincias de Apurímac, publicada no volume 7; “Las responsabilidades de la masacre de Huácané”, assinada pela comunidade indígena de Huancané, publicada no volume 9 e “Votos de adhesión a ‘Amauta’”, campesinos de Huacho, também publicada no volume 9.
- 11 O termo gamonal tem origem no nome de uma trepadeira parasita e utilizado na linguagem popular para se referir àquele que explora outras pessoas. O conceito de gamonalismo foi utilizado principalmente pelo indigenismo dos anos 1920 para se referir a uma forma de poder descentralizado que funcionou de forma paralela ao do Estado em uma época em que este começava uma política de centralização através da consolidação de um aparato estatal nuclear com ramificações regionais e locais. Um aspecto

central no gamonalismo é a ideia do exercício do poder, baseado em uma diferenciação étnica, que tem por peça chave o poder delegado que o Estado confere à administração local, mancomunada com os proprietários rurais locais (Ibarra 2002).

- 12A partir das noções elaboradas pelo historiador Reinhart Koselleck de espaço de experiência e de horizonte de expectativa, entendemos que a experiência histórica das rebeliões indígenas desde o período colonial no Peru pode ser entendida como “passado atual no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento [...]. Nesse sentido, também a história é desde sempre concebida como conhecimento de experiências alheias” (Koselleck 2006, pp. 309-310). Essa experiência projetou no inconsciente social peruano a ideia da guerra racial, e essa expectativa, que se realiza no hoje, pode ser entendida como “futuro presente, voltado para o ainda-não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto. Esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, mas também a análise racional (Koselleck 2006, p. 310).
- 13As abordagens relacionadas foram: Apegado à comunidade (3), Coletivismo (3), Comunitarismo (1), Operários (1), Proletário andino (1).
- 14As abordagens referidas nesse somatório foram: Revolução, Novidade e Futuro.
- 15Neste caso somamos o quantitativo das abordagens Redenção e Coexistência Brancos e Indígenas.
- 16Despertar, Restauração e Ressurgimento.
- 17 Conforme definição de Alberto Flores Galindo (1994): Utopia Andina son “los proyectos (en plural) que pretendían enfrentar esta realidad. Intentos de navegar contra la corriente para doblegar tanto a la dependencia como la fragmentación. Buscar una alternativa en el encuentro entre la memoria y lo imaginario: la vuelta de la sociedad y el regreso del inca. Encontrar en la reedificación del pasado la solución de identidad” (p. 17), anunciando que algum dia a atual ordem chegará ao fim e se iniciará uma nova era.
- 18 Utilizamos o conceito de colonialidade para nos referir aos resquícios da sociedade colonial que ainda permanecem na sociedade republicana e, assim, não empregar o conceito de feudalidade, o qual entendemos que se trata de um uso anacrônico por José Carlos Mariátegui ao se referir a esses resquícios.

Referências

- Bardin, L. (2002). *Análise de Conteúdo*. Edições 70.
- Beigel, F. (2015). Mariátegui y las antinomias del indigenismo. *Utopía y Praxis Latinoamericana*, 6(13), 36-57. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27901303>
- Chartier, R. (1990). *A história cultural; entre práticas e representações*. Difel.
- Contreras, C. y Cueto, M. (2007). *Historia del Perú contemporáneo*. IEP.
- Flores Galindo, A (1994). *Buscando un Inca: Identidad y Utopía en los Andes*. Editorial Horizonte.
- Grupo Resurgimiento (1927). La violenta situación de los indios en el departamento del Cusco. *Amauta*, (6), 37-38.
- Ibarra, H. (2002). Gamonalismo y dominación en los Andes. *Íconos*, (14), 137-147.
- Koselleck, R. (2006) *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Contraponto.
- López Albújar, E. (1926). Sobre la psicología del indio. *Amauta*, (4), 1-2.
- Mariátegui, J. C. (1926). Presentación de “Amauta”. *Amauta*, (1), 3.
- Mariátegui, J. C. (1927a). La nueva cruzada Pró-Indígena. *Amauta*, (5), 37.
- Mariátegui, J. C. (1927b). Replica a Luis Alberto Sánchez, *Amauta*, (7), 38-39.
- Mayer de Zulen, D. (1926) La idea del castigo. *Amauta*, (3), 35-36.
- Montoya Uriarte, U. (1998). Hispanismo e indigenismo: o dualismo cultural no pensamento social peruano (1900-1930). Uma revisão necessária. *Revista de Antropologia*, 41(1), 151-175. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-77011998000100005>
- Valcárcel, L. E. (1926). Tempestad en los Andes. *Amauta*, (1), 4-6.
- Valcárcel, L. E. (1927). El problema indígena. *Amauta*, (7), 2-4.
- Zapata, J. (1927). Delegados indígenas atropellados. *Amauta*, (6), 39-40.